

Silvia Maria Guerra Anastácio
smganastacio10@gmail.com
Olívia Ribas de Farias
oliribas@gmail.com

Recriação do poema *O Corvo* de Edgar Allan Poe para a animação de *Os Simpsons* Recreation of the poem *The Raven* by Edgar Allan Poe for the animation of *The Simpsons*

RESUMO – Este trabalho tem como objetivo analisar o processo de recriação do poema ‘O Corvo’ do escritor norte-americano Edgar Allan Poe (1809-1849) para o episódio ‘No dia das Bruxas I’ (Silverman, 1990) da série de animação ‘Os Simpsons’. Os materiais extras ou bônus oferecidos pelo DVD, como o *making of*, os *storyboards*, os comentários explicativos e as entrevistas dos diretores, o trabalho de montagem, a dublagem e o plano de exibição do referido episódio serão utilizados para a realização deste estudo. Pretende-se, também, ressaltar a importância da observação dos espaços de criação na área da animação e visualizar as implicações da criação como um processo intersemiótico.

Palavras-chave: *O Corvo*, *Os Simpsons*, recriação.

ABSTRACT – This paper analyzes the process of recreation of the poem ‘The Raven’ by the American writer Edgar Allan Poe (1809-1849) in the episode ‘Treehouse I’ (Silverman, 1990) from ‘The Simpsons’ series. The extra materials or bonuses offered on the DVD, such as making of, storyboards, explanatory comments and directors’ interviews, as well as the assembling, dubbing and exhibition planning of the episode are valuable in this study. The study also emphasizes the importance of observing spaces of creation in animation and the implications of creation as an intersemiotic process.

Key words: *The Raven*, *The Simpsons*, recreation.

Introdução

Este trabalho situa-se no campo de estudos da crítica genética e contempla a comunicação de massa, uma vez que se pretende analisar o processo de (re)criação do poema *O Corvo* (1991) do escritor norte-americano Edgar Allan Poe (1809-1849) para o terceiro episódio da segunda temporada da animação de *Os Simpsons* denominado *No Dia das Bruxas I* (Silverman, 1990).

O primeiro objeto a ser analisado neste artigo é o poema *O Corvo* (Poe, 1991), caracterizado pela sua notável musicalidade e por uma atmosfera em que predomina o sobrenatural. O tom de terror é acentuado pela métrica exata permeada por rimas internas, em que se destacam jogos fonéticos e repetições especialmente de vogais fechadas, que marcam o tom lúgubre dos versos. Esse poema contém uma temática típica do romantismo, em que a figura do misterioso corvo representa a inexorabilidade da morte e do seu impacto sobre a personagem, um narrador solitário, atormentado pela dor da perda de sua amada Lenora.

Quanto ao segundo objeto de análise deste artigo, trata-se da segunda temporada de *Os Simpsons* (Silverman,

1990), que apresenta uma trilogia de histórias assustadoras para comemorar a festa de *Halloween*, que pertence à tradição da cultura anglo-saxônica. No episódio, Bart e Lisa tentam assustar um ao outro contando histórias de terror em uma casa construída na árvore. Enquanto isso, o telespectador acompanha cada uma das três histórias, protagonizadas pelos membros da família *Simpsons* e habitantes da cidade de Springfield.

O presente artigo pretende analisar a terceira e última história do episódio da série, em que Lisa lê para os seus irmãos o clássico poema da literatura norte-americana *O Corvo* de Edgar Allan Poe. Enquanto isso, Homer, simultaneamente, atua no papel da personagem principal da animação, ou seja, como o narrador solitário que se aflige com a presença de um pássaro de mau agouro em sua janela, à semelhança do que ocorreria no texto literário. Marge, a matriarca da família *Simpsons*, faz o papel de Lenore, que, na animação, aparece, em *close up*, em um quadro caracterizado no estilo de *Os Simpsons*, com um penteado exagerado e laços de fita coloridos no cabelo. Ademais, Bart interpreta o corvo de uma forma irônica e marota, parodiando, assim, o clássico poema de Poe.

Este artigo estabelece então uma ponte entre o poema e a sua recriação para a animação, ampliando o escopo dos estudos genéticos para a análise de manuscritos cinematográficos. Percebe-se que, independente da materialidade ou do suporte dos registros de processo que se possa colher, é sempre possível resgatar a trajetória da criação de uma obra. Na linguagem da animação de *Os Simpsons*, o tipo de registro utilizado para estudo e que funciona como manuscrito do episódio de *Os Simpsons* é o *making of*, contendo as entrevistas com diretores e produtores, bem como os *storyboards* incluídos no *box* da segunda temporada da série. Portanto, observa-se que tais documentos oferecem informações valiosas ao estúdio sobre o processo de adaptação ou tradução intersemiótica. Dessa forma, tem-se um conceito mais ampliado de manuscrito, na área dos estudos de criação audiovisual, já que estes aparecem sob a forma de informações suplementares contidas no DVD da animação.

Percebe-se que a era midiática contemporânea tem, a cada dia, investido na adaptação de obras canônicas para outras linguagens, possibilitando que textos literários sejam recriados em múltiplas interpretações, ao apresentarem elementos novos em relação aos textos-fonte e reconfigurá-los. Dessa forma, os textos, ao serem relidos, podem estar de alguma forma também homenageando aqueles que lhes deram origem e fazendo com que permaneçam vivos na memória popular e na mente do público contemporâneo.

O poema *O Corvo* de Poe (1991), ao ser traduzido para a série de animação *Os Simpsons* (Silverman, 1990), recebeu novos significados em um diferente contexto, ou seja, os versos do século XIX foram adaptados para o meio de comunicação de massa da contemporaneidade, a televisão. Assim, o objetivo seria o de parodiar, satirizar e porque não dizer também homenagear, de alguma maneira, o texto canônico de Poe. Esse processo de tradução intersemiótica utiliza então uma outra linguagem, no caso a da animação para atualizar o poema a partir de um outro lugar de fala.

Diante disso, tal releitura pode ser vista como um simulacro, de acordo com o ponto de vista do filósofo francês Gilles Deleuze (1925-1995) em seu texto *Platão e o Simulacro* (Deleuze, 1982). Segundo esse autor, a recriação não seria uma cópia degradada do texto que lhe deu origem, mas algo positivo, que tem a sua própria aura, que tem seu próprio valor. O fato é que nega o “original” ao romper com qualquer intenção de fidelidade à fonte e ao assumir um estatuto próprio e singular.

Assim, nas adaptações realizadas pelo episódio de *Os Simpsons*, não há nenhum compromisso de manter fidelidade com os textos-fonte, nem a intenção de ridicularizá-los. As frequentes releituras de obras literárias desses desenhos, a exemplo da adaptação de *O Corvo*, são feitas através da utilização de traços ou índices textuais paródicos, que passam para a animação e, de algum modo,

ecoam a obra de Poe. Tal tendência contemporânea de brincar com o recurso da intertextualidade é um dos fatores responsáveis pelo grande sucesso da série que, por meio de suas inúmeras releituras, usa a paródia para divertir, informar e transgredir.

A paródia é um recurso encontrado, com frequência, na literatura, mas também em outras linguagens artísticas. Reside na retomada de um texto com o objetivo de recriá-lo, dando-lhe novas roupagens. De acordo com a crítica canadense Linda Hutcheon (1947-) em seu livro *Uma Teoria da Paródia* (Hutcheon, 1985), esse recurso literário, ao mesmo tempo em que mantém uma relação muito próxima com o texto recriado, é também marcado pelo traço da diferença em relação àquele que o antecedeu. Trata-se de uma “imitação com distância crítica em relação ao texto-fonte, e sua ironia pode não só beneficiá-lo como também prejudicá-lo ao mesmo tempo” (Hutcheon, 1985, p. 54). Ou seja, a paródia relê a obra base em um novo contexto, utilizando o já conhecido prestígio desse texto-fonte para inverter os significados do texto recriado, através de um diálogo intertextual, que torna a releitura proposta de alguma maneira diferente da que lhe serviu de base ou de inspiração.

Portanto, a paródia não é apenas um recurso estilístico utilizado para destruir o texto-fonte. Mas funciona como um recurso que recria o texto que lhe antecedeu, propondo outro texto a partir do primeiro e obedecendo a um processo de desconstrução e reconstrução para dar à tradição novas possibilidades de realização. O filósofo Jacques Derrida (1930-2004), em seu texto *Carta a um Amigo Japonês* (Derrida, 2005), afirma que é necessário desconstruir um signo para entender todas as implicações desse signo. O substantivo desconstruir quer dizer “desmontar as partes de um todo [...] para decompor suas estruturas” a fim de conhecê-las melhor e saber como tornar a reorganizá-las (Derrida, 2005, p. 24-25). Assim, ocorre com as releituras de obras literárias em *Os Simpsons*, a exemplo da recriação do poema *O Corvo* (Poe, 1991), recebendo nos olhares, como será observado no próximo item desse artigo.

A criação do poema *O Corvo* em *Os Simpsons*

O programa *Os Simpsons* surgiu há mais de vinte anos, quando o produtor da Fox, James Brooks (1940-), leu algumas tirinhas de humor denominadas de *Life in Hell* do cartunista Matt Groening (1954-), publicadas em jornais americanos semanalmente, na década de oitenta, e inspirou-se nelas para criar a sua própria animação na TV. Após ter visto essas tirinhas de *Life in Hell*, James Brooks convidou o cartunista para criar um segmento de animação, de um minuto e meio, com o objetivo de ilustrar os intervalos do programa de variedades *The Tracy Ullman Show* (1987), de grande sucesso da Fox.

Diante disso, o cartunista criou imediatamente os personagens da família Simpsons, que, a princípio, era

chamada *Blumpers*, mais tarde, *The Simpsons*. Os cinco membros da família são Homer, Marge, Lisa, Maggie, nomes que o cartunista Matt Groening tomou emprestado de seus pais e irmãs, além de Bart Simpson, o filho do meio do casal, que representa, de acordo com o próprio cartunista, o seu alter-ego. A família é de classe média baixa, de uma pequena cidade do interior dos EUA chamada *Springfield*, como tantas outras naquele país, viciadas em TV, *hamburger* e boliche, assim representando o estereótipo de uma família americana contemporânea.

Diante do grande sucesso da animação, a série ganhou em 1989 um especial de Natal, o que garantiu assim o início da transmissão da série semanalmente aos domingos no horário nobre da Fox, às vinte horas. Atualmente, a animação continua no ar e já completou mais de 413 episódios exibidos durante 19 temporadas ao longo dos 21 anos de sua criação.

Mas para tanto sucesso seria preciso que muitas pessoas participassem dessa criação. São nos estúdios da Fox, em Los Angeles, que mais de 30 pessoas, dentre eles roteiristas, diretores, cartunistas e dubladores, se reúnem para criarem um novo episódio de *Os Simpsons* em 2D, que é aquela forma de desenhar quadro a quadro feito à mão. Enquanto que a tarefa do computador é a de gerar as cores no desenho, testes de movimento (conhecidos como *pencil tests*) e outras etapas desse processo de animação como edição do vídeo e sincronização do som com o vídeo. Dessa maneira, o computador ajuda no tratamento da imagem, enquanto ilustradores trabalham no processo de criação da animação quadro a quadro.

Uma das características marcantes dessa série é fazer alusões a filmes, artistas, personalidades da política mundial, além de propor releituras de obras literárias já consagradas como o poema *O Corvo* de Edgar Allan Poe (1991). Essa adaptação da segunda temporada da série foi composta de aproximadamente 16 ideias de histórias, resultando em 12 roteiros com mais de 12.000 *storyboards*.

O bônus do DVD da segunda temporada da animação contém uma entrevista de David Silverman, diretor do episódio *No Dia das Bruxas* (Silverman, 1990), onde aparece à recriação de *O Corvo* (Poe, 1991). Nessa entrevista, o diretor descreve passo a passo todas as etapas do processo de criação do episódio em estudo. Segundo Silverman, o início da elaboração da animação começa quando ele recebe o roteiro da história do episódio e a trilha sonora da *Gracie Films*, empresa americana de produção de filmes e programas de televisão, como se pode ler no trecho a seguir:

David Silverman: [...] a primeira coisa que recebemos é o roteiro e a trilha sonora Gracie Films. [...] Nesse episódio de “O Corvo”, tudo começa com o roteiro e a trilha. É o do “Dia das Bruxas”, Halloween, o episódio se intitula *Three Houses of Horrors*. Escolhi a terceira parte, chamada “O Corvo”, baseada em um poema de Edgar Allan Poe, adaptado por Sam Simon e visualmente por mim, que sou o diretor (Silverman, 1990).

Após o recebimento da trilha sonora e do roteiro começa-se a elaboração dos *storyboards*, recurso que exhibe uma sequência de cenas cinematográficas e é muito utilizado na animação, bem como no cinema. À primeira vista um *storyboard* pode parecer uma história em quadrinhos, mas sua função é auxiliar o estudo de planos a serem gravados em cima de um texto, facilitando as respectivas montagens, as atuações e a edição. Junto com os *storyboards*, desenham-se os personagens da animação. Feito isso, passa-se ao *animatic*, que é uma mistura de computação gráfica, ilustração, animação vetorial e composição, montado para dar uma noção melhor do tempo de duração da filmagem. Como os resultados do *animatic* são muito fiéis ao objetivo final da animação, as chances de errar e de se ter que refazer a animação diminuí bastante, o que facilita o processo de criação do episódio.

Depois que o *animatic* é aprovado, elabora-se os planos de exibição para serem enviados a Coreia do Sul, com o intuito de fazer a animação final, a xérox, a pintura e os movimentos de câmera. Tem-se, então, a formação de uma rede sónica, em que diversos níveis do processo de criação da animação se intercomunicam, re-significando o poema *The Raven* para o episódio, já que o processo de recriação desse poema não se constitui apenas no mundo ocidental. No caso, têm-se os estúdios televisivos dos Estados Unidos, mas também não se pode negligenciar a importância do mundo asiático na elaboração da animação, contribuindo para a produção final do episódio. Logo, esse país da Ásia participa de tal elaboração, levando a sua tecnologia com custos bem menores do que se fosse todo o processo executado nos EUA. A recriação do poema está entrelaçada em diversas camadas da rede de criação que se interligam, influenciando nessa tradução intersemiótica.

No que concerne ao processo de criação de *Os Simpsons*, ao retornar da Coreia, o episódio ainda é revisto pelos criadores americanos e pode ser refilmado, se preciso, para então ser enviado a *Gracie Films*, que adiciona os efeitos sonoros e as vozes. Todo o processo de criação do episódio em questão, *No dia das bruxas* (Silverman, 1990), desde a elaboração do roteiro até a trilha sonora, levou cerca de seis meses para ser executado, de acordo com o diretor dessa animação.

No episódio são contadas três histórias, a saber: *Casa dos pesadelos*, *Maldição dos famintos* e a terceira *O Corvo* (1991). O poema de Poe foi adaptado por Sam Simon, sendo que das dezoito estrofes contidas no texto literário, apenas dez foram transpostas para a animação, já que a releitura é apresentada em precisos cinco minutos e treze segundos do episódio.

A narrativa da recriação acontece em dois níveis: o primeiro é o da menina Lisa Simpsons lendo o poema de Poe para seus irmãos e o segundo representa a ilustração dessa leitura feita por Homer em um *setting* semelhante ao

descrito no poema. Mas, a história se inicia ainda no primeiro plano quando Bart, em um tom irônico, diz a Lisa:

Bart: – Tem alguma coisa assustadora acontecendo. Lisinha! Larga esse livro é Dia das Bruxas.
 Lisa: – Para sua informação, estou preste a ler para você um clássico do terror de Edgar Allan Poe.
 Bart: – Espera aí, isso aí é um livro da escola, Lisa.
 Lisa: – Não esquentar Bart. Você não vai aprender nada (Silverman, 1990).

Essa cena funciona também como um recurso encontrado pelo diretor e pelos roteiristas para informar a audiência sobre a origem do roteiro adaptado. Lisa começa o primeiro verso do poema no primeiro plano *once upon a midnight dreary, while [...]*¹ e, em seguida, a sua voz é sobreposta pelo recurso do *voice over* dublado pelo norte-americano James Earl Jones, que continua o primeiro verso [...] *while I pondered, weak and weary*².

De acordo com o diretor desse episódio, o único novo desenho feito foi o de Bart, o filho travesso da família *Simpsons*, pois ele interpreta a ave de mau agouro, o corvo. Aliás, essa ave foi um elemento muito parodiado na recriação, pois é irreverente, ousado, maroto e debochado, assim como Bart se comporta em todos os outros episódios de *Os Simpsons*. Por ser uma criança de oito anos que interpreta a ave, o inglês rebuscado do século XIX de Poe aparece mesclado pelo uso de algumas gírias e expressões coloquiais de Bart, como no exemplo a seguir:

Homer: – *Though thy crest be shorn and shaven thou, I said, art sure no craven no craven, ghastly, grim, and ancient raven, wandering from the nightly shore. Tell me what the lordly name is on the Night's Plutonian shore*³ (Silverman, 1990).

E o corvo diz na voz de Bart: *Eat my shorts!* (tradução no DVD: “Vai te catar”). Volta-se então para o primeiro plano da narrativa e Lisa diz: “Para Bart!”. E o corvo responde ‘Nunca mais’. E é só isso que ele diz” (tradução do DVD). Portanto, percebe-se que, enquanto o tom do poema é de melancolia e tristeza, o da animação aparece marcado pela comichão.

O uso da paródia auxilia nesse processo de romper com a atmosfera sombria do poema de Poe, tornando-o irreverente na animação feita em homenagem ao *Halloween* e também a Poe. A releitura de *O Corvo* em *Os*

Simpsons recebeu esse tom cômico e divertido, inclusive no final do episódio, no qual Bart ironiza o poema para a irmã Lisa dizendo:

Bart: – Lisa, não foi nada assustador.
 Nem mesmo para um poema.
 Lisa: – Bart, foi escrito em 1845.
 As pessoas deviam ser mais assustadas naquele tempo.
 Bart: – É, como a primeira parte do filme “Sexta-Feira” 13. É bem comportado pra gente (Silverman, 1990).

Além disso, Homer também traz essa comichão durante toda a sua interpretação e principalmente no final da animação, pois morre de pavor do corvo, sentindo dificuldades para pegar no sono, pedindo a sua esposa que durma com as luzes acesas, como se pode ler a seguir:

Homer: – Ah, não, Marge. Por favor. Deixa acesa.
 Marge: – Eu não vou dormir com a luz acesa.
 Marge: – São só histórias para crianças. Não vai lhe fazer mal nenhum.
 Homer: – Oh, eu odeio Halloween! (Silverman, 1990).

Portanto, a adaptação propõe uma nova moldura de interpretação do texto de Poe, reconfigurado-o com o intuito de produzir novos significados, sendo que as múltiplas camadas da constituição desse processo de criação se interligam, auxiliando na recriação. Ao analisar o referido episódio, percebe-se que as duas diferentes mídias, a literatura e a televisão, são relevantes no sistema semiótico que rege o processo de criação do episódio. Elementos característicos de uma animação televisiva, como os efeitos de som, de cores, de luzes e das vozes, se articulam para dar a um texto literário com fortes traços românticos um viés cômico.

A relevância desse tipo de tradução está justamente nas novas interpretações ou análises diversas trazidas por cada releitura de obras literárias, já que são feitas em um sistema literário, político e histórico diferente dos que foram originados. Esse tipo de adaptação áudio-visual proposta pelos *Simpsons* mostra que nenhum texto é sagrado e que a obra relida pode ser modificada e reinterpretada de uma maneira ou de outra. Essas confluências de signos fazem com que o texto de Poe criado em um período histórico anterior seja atualizado para a contemporaneidade, tornando-se dessa forma mais próximo do atual pólo receptor.

¹ Em certo dia, à hora, à hora, da meia-noite que apavora. Todas as traduções que seguem são de Machado de Assis (2008).

² Eu caindo de sono e exausto de fadiga.

³ E eu disse: “Ó tu que das noturnas plagas. Vens embora a cabeça nua tragas, sem topete, não és ave medrosa, dize os teus nomes senhoriais; como te chamas tu na grande noite umbrosa?” E o corvo disse...

Referências

- ASSIS, M. 2008. *O Corvo*. Disponível em http://www.poebrasil.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=114&Itemid=58. Acesso em: 15/06/2008.
- DELEUZE, G. 1982. Platão e o simulacro. In: G. DELEUZE, *Lógica do Sentido*. São Paulo, Perspectiva, p. 259-271.
- DERRIDA, J. 2005. Carta a um amigo japonês. In: P. OTTONI (org.), *Tradução - A Prática da Diferença*. Campinas, Unicamp, p. 19-25.
- HUTCHEON, L. 1985. *Uma Teoria da Paródia – ensinamentos das formas de arte do século XX*. Rio de Janeiro, edições 70, 165 p.
- POE, E.A. 1991. *The Gold-Bug and the other tales*. New York, Dover Publications, 128 p.
- SILVERMAN, D. 1990. *Treehouse of Horror I* (“No Dia das Bruxas”). Direção: David Silverman. Roteiro: Sam Simon e Edgar Allan Poe. Los Angeles. 1 DVD (23 min). Produzido pela Gracie Filmes em associação com a Fox Television.

Submetido em: 23/04/2009

Aceito em: 01/07/2009

Silvia Maria Guerra Anastácio

UFBA - Instituto de Letras

Rua Barão de Geremoabo, 147

Departamento de Línguas Germânicas

2º andar, sala 216, Campus Universitário, Ondina

40170-290, Salvador, BA, Brasil

Olívia Ribas de Farias

UFBA - Instituto de Letras

Rua Barão de Geremoabo, 147

Departamento de Línguas Germânicas

2º andar, sala 216, Campus Universitário, Ondina

40170-290, Salvador, BA, Brasil